

## INSURGÊNCIAS CURRICULARES E MOCHILAS EXISTENCIAIS: ETNOCURRÍCULO TENSIONANDO PEDAGOGIAS CULTURAIS

---

José Teixeira Neto<sup>1</sup>

### Resumo

Nesse ensaio apresento minha implicação com o movimento de currículos-devires, propondo um currículo praticado no cotidiano, acionado por/acionante de saberes significativos forjados e plasmados na existência como dispositivo de formação. Trato de currículos que vazam e explodem as fronteiras das prescrições e planejamentos, perturbadores da previsibilidade e do controle: insurgências curriculares e mochilas existenciais. São etnocurrículo que desconfiguram e alteram significados produzidos pelas pedagogias culturais do tempo presente, produtoras de determinados discursos que desdenham do heterogêneo e da multiplicidade. Inicialmente teorizo e caracterizo a criação desses conceitos, argumentando que empoderam a existência, a experiência sensível da vida em gerúndio, por terem sido criados sem purezas essencialistas, mas como acontecimentos que trazem o heterogêneo e expressam saberes experienciais como ferramentas de reflexão e criadoras de outros conceitos. Em seguida, trago narrativas de práticas cotidianas de educadoras com quem interajo em minha pesquisa de doutorado, tratando desse movimento.

**Palavras-chave:** Insurgências curriculares, mochilas existenciais, etnocurrículo, etnoformação.

### Abstract

In this essay I present my involvement with the movement curriculum-becomings, proposing a curriculum practiced in everyday life, which triggers and is triggered by significant knowledge forged and molded in existence as a training device. Tract curriculum that leak and explode the boundaries of prescriptions and planning, disturbing predictability and control: curriculum insurgents and experienced knowledge amount. Ethno curriculum that are unconfigures and alter meanings produced by cultural pedagogies, producing certain discourses that disdain heterogeneous and multiplicity. Initially theorize and features the creation of these concepts, arguing that empower the existence, the sensory experience of life in gerund, having been created without purities essentialist, but as events that bring heterogeneous and express experiential knowledge as tools for creative thinking and other concepts. Then bring narratives of everyday practices of educators with whom I interact in my doctoral research addressing this motion.

**Keywords:** curriculum insurgents, experienced knowledge amount, ethno curriculum, ethno education.

---

<sup>1</sup> UFBA. E-mail: zelosmegatrend@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

A discussão, que opero neste ensaio, implica-se com o movimento de currículos-devires propondo um currículo praticado no cotidiano acionado por/acionante de saberes significativos forjados e plasmados na existência como dispositivo de formação.

Desejo tratar aqui de currículos que vazam e explodem as fronteiras prescritivas e planejadas em itinerários que se pensam salvaguardados pela previsibilidade e controle. É um movimento que tenho nicionado insurgências curriculares e mochilas existenciais, etnocurrículo que pode desconfigurar e alterar subjetividades produzidas pelas pedagogias culturais do tempo presente produtoras de subjetivação para determinados discursos que desdenham do heterogêneo e da multiplicidade.

Inspirado em Deleuze e Guatarri, afirmo que a criação dos conceitos insurgências curriculares e mochilas existenciais empodera a existência, a experiência sensível da vida em gerúndio, pois ocorreu sem purezas essencialistas, mas como acontecimentos<sup>2</sup> que trazem o heterogêneo. Expressam saberes experienciais como ferramentas de reflexão e criadoras de outros conceitos. E é Deleuze, num trecho da inquietante e longa entrevista concedida a Claire Parnet, em 1988, que trago para ilustrar o meu argumento:

[...] Precisamos, às vezes, inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte [...]. (DELEUZE, in: RIEUX, 2005).

Conceituo etnocurrículo como movimento instiuinte/instituído plasmado nas aprendizagens cotidianas de comunidades sendo-no-mundo, autoras de seu ferramental, protagonistas e teóricas de suas práticas, tecedoras, beligerantes e negociadoras de significados culturais no tempo/espaço em interações, modificando-os e modificando-se, potencializando possibilidades de novas aprendizagens.

Essa perspectiva de currículo se propõe aberta em múltiplas entradas, híbrida e

---

<sup>2</sup> Desloco esse conceito de Deleuze para a Educação e o currículo, tomando-o como tudo aquilo que insurge desconstruindo a previsibilidade das pedagogias e que traz saberes experienciais criadores de pensamento. É compreendido como produção do novo que articula multiplicidade de pensamentos outros que o provoque à elaboração de outros novos pensamentos. Para o filósofo francês, isso se dá num plano de imanência e em algo que está fora do pensador que o provoque e mobilize seus saberes para esse pensamento, para a multiplicidade e a diferença; o pensador não pode prescindir da potência dos acontecimentos para a criação de conceitos (DELEUZE, 2006, p. 203).

antirreducionista, mobilizando a diferença em interações na heterogeneidade. É produtora de novas subjetividades modeladas, fabricadas, consumidas na microfísica cotidiana. Ela envolve toda a complexidade semiológica numa heterogênese que não abarca sistemas hierárquicos fixos (MATIAS, 2008, p.69/70/71).

Insurgências Curriculares e Mochilas Existenciais são currículo em acontecimento operando a diferença e fazendo emergir heterogêneses significativas no coletivo através de linhas de fuga, de mapas, em devires. São criações, invenções, transgressões inspiradas na filosofia rebelde de Deleuze, Guatarri e Foucault, na hermenêutica de Gadamer e Heidegger, nas epistemologias de Ardoino e Atlan, na etnoformatividade de Roberto Sidnei Macedo, nas pedagogias culturais do tempo presente de Marisa Vorraber Costa, nos currículos-devires e mapas de Sandra Corazza e Marlucy Paraiso e em saberes, empoderamentos e autorizações da teorização de minha prática em interações formativas. Insere-se na perspectiva pós-colonialista, pós-estruturalista e no campo teórico dos estudos culturais. Essa articulação cartográfica interconecta pontos que não são substratos ou que se opõe aos essencialismos (GAUTHIER, 2002, p. 146) em agenciamentos contingenciais do espaço /tempo.

Esse currículo insurgente ocorre em cenários formativos diversos quando mobilizamos nossas mochilas existenciais praticando nossos etnométodos em enfrentamentos e negociações dilemáticas cotidianas. É um currículo em devir alterante/alterado na medida em que faz operar a multiplicidade. É Insurgente por ser movente, rizomático e fluído vazante de nossos arrogantes planos e *programas-grade*; é subversivo por fazer com que o “extracurricular” se torne intracurricular, o currículo mesmo, ali, sendo praticado e tensionando as subjetivações das pedagogias culturais do tempo presente, operando contingências no espaço/tempo.

As insurgências curriculares fazem emergir ou são emergências provocadas por nossas mochilas existenciais em *desterritorializações, reterritorializações* e, mesmo que inicialmente centradas numa força identitária, opera a diferença no coletivo, nos afectos e desejos como Nossos etnométodos podem operar essas ações desveladoras mobilizadas em diferentes contextos no espaço/tempo, entendendo-os como experiências formativas que se dão na cotidianidade, nos termos dos atores, portanto, também, no âmbito do cultural e do poder. Esse conceito emerge da etnometodologia, a fim de nomear métodos produzidos pela compreensão e interferência dos atores, agindo em seus contextos para todos os fins práticos, instituindo ordens sociais (MACEDO, 2013, p. 14). Sua potência criativa pode tornar-se instrumento de tensionamento dos instituídos monossêmicos assentados numa igualdade homogeneizadora que despreza os saberes ordinários. Os etnométodos são os acessos às

mochilas existências, são nossa possibilidades de “bons encontros”, “encontros notáveis”, no sentido deleuziano de fugir com estilo, jogar, negociar sentidos através da diferença (PARAÍSO. 2010, p. 601).

Entendo esse currículo como artefato cultural que só pode ser analisado nos engendramentos das interações sociais. É um artefato etnoformativo e instituinte de representações de identidades e marcação das diferenças, significações que privilegiam uns em detrimento de outros, em disputas e negociações nas arenas cotidianas. As insurgências são devires curriculares que brotam do meio do currículo prescrito e suas previsibilidades interpelando os atores para suas emergências.

Tratar de insurgências curriculares é *coracérebro* aberto para articular movimentos de criações, das bifurcações e metamorfoses que fogem do *currículo maior* em cartografias abertas (ibid., p.596).

Penso que insurgências curriculares detonam fronteiras cristalizadas através das brechas, frestas, em atravessamentos de desejos que suprimem essencialismos constituindo contornos mutantes e dobras criadoras (KROEFF, 2001, p.02).

Mobilizando-me, a princípio com a intuição provocada pelas interações formativas em sala de aula, formação de professores e, posteriormente, a partir das teorizações dessas práticas, assenhorando-me de seus significados possíveis expressados e tensionados nesses coletivos de educadores, criei o termo mochilas existenciais para conceituar acessos a explosões contingenciais dessa formação existencial e desse gerúndio como currículo. Percebendo que os atores compreendiam mais claramente o campo através dessa abordagem, passei, então, a empregá-lo para tratar dessas questões.

O significado de mochila, que trago como alegoria para engendrar essa proposição, é o de ser ela um recipiente de acesso fácil a ferramentas, instrumentos e outros conteúdos aos quais recorreremos para interagir na força do acontecendo, na prática cotidiana, no gerúndio da existência. É praticidade de algo que trazemos conosco e que acessamos rapidamente para interagir no cotidiano. Penso que nossa “bagagem” existencial nunca caberá num invólucro, seja mochila, mala, container, silos, aduanas finitas; essa “bagagem” não fica estivada em porões de nossas naus. Ela é a própria nau, ela é capitão-marinheiro/nau/lastro/carga, ela é portador/carga/invólucro. Mochilas existenciais é uma alegoria, uma metáfora, força criativa do imaginário, que nos remete à etnoformatividade, abordagem proposta por Roberto Sidnei Macedo (2010) para tratar de currículo/formação:

[...] um campo de atuação e de reflexão com certa autonomia, capaz de proporcionar reflexões relacionais mais profundas sobre a formação e suas diversas mediações e relações, sejam filosóficas, teóricas, sejam pedagógicas ou institucionais [...] demandando um campo de compreensão das existências humanas caracterizadas e situadas; sejam pessoas, grupos, comunidades, culturas ou instituições em experiência formativa, via *etnométodos*, que os atores implicados constroem em formação [...] (MACEDO, 2010, 192-193).

Marlucy Paraíso cunha essa ideia de currículo inspirada em Silvio Galo (2002) que nos trás os conceitos de *educação maior* – formalizada nos documentos e nos órgãos estatais - e *educação menor* - aquela que se pratica no cotidiano, na sala de aula, entre professores e alunos. Ele nos remete ao pensamento de Deleuze e Guatarri (1977) sobre a necessidade de praticarmos uma *literatura menor* que possa trazer elementos significativos do dia-a-dia desconstruindo as totalizações, os universalismos. Para Paraíso é essa a potência das práticas de um *currículo menor* e entendo que as insurgências aqui propostas apontam para essa direção.

Mochilas existenciais é potência de mobilização e implicação de educadores para autorizarem- se a acessar/servirem-se do gerúndio de suas existências, atribuindo políticas de sentido a ele, tornando-o saberes seminais constituídos nas errâncias e aprendizagens, nos embates e negociações instituintes como práticas de currículo/formação.

Insurgências Curriculares e Mochilas Existenciais cartografam saberes em mapas abertos de poderes, a territorialização do instituído, bem como das nódoas de desterritorialização através do qual promovem fugas desvelando e desconstruindo uma eficiente produção identitária que gera significados de afirmação de si solapando a multiplicidade. E ela, a multiplicidade, acontece nas diferenças, num entre-dois, em fronteiras ou linhas de fuga, em reterritorializações.

Insurgências Curriculares e Mochilas Existenciais são forjas culturais que irrompem no cotidiano e fazem transbordar o instituído em pequenos e grandes tsunamis instituintes. É uma possibilidade de currículo que opera numa relação de exterioridade a seus termos, como nos provoca Fabiana de Amorim Marcello (2012) tratando de sua inspiração em Deleuze para discutir O Efeito Cinema na Educação:

[...] a relação é algo que, nos diz Deleuze, pode mudar sem que os termos mudem. Há mesmo variação entre as relações [...] avessa,

oposta à ordem do **ser** [...] não se trata de se ‘ser’ algo, mas de ‘compor’ com algo, de ‘devir’ algo, de ‘agenciar’[...] Apostar na exterioridade das relações supõe que adotemos[...] outros modos de pensar: trata-se de modos (ou possibilidades) de inverter princípios totalizadores acerca da lógica das relações. Porque é justamente isso que esse princípio pressupõe: a rejeição de princípios de causalidade [...] romper com domínios de causalidade significa roper com a lógica do ‘é’, portanto [...] (MARCELLO, 2012, p. 326).

Penso com Marlucy Paraíso, ao discutir a *Diferença no Currículo* (2010, p. 595), que um currículo como esse deve vir de lugares insuspeitados operando o jogo da diferença. Nessa perspectiva prioriza-se o “e” em relação ao “é”, pois enquanto o primeiro nos remete à multiplicidade, o segundo nos litifica na identidade. O “e” torna-se o “entre-espaço” do currículo em rizomas<sup>3</sup> que rebentam e se multiplicam. Sandra Corazza e Roberto Sidnei Macedo também me auxiliam nessa reflexão para afirmar que insurgências e mochilas, como um currículo acontecimento, currículo-devir (CORAZZA, 2012, p. 07), é seivado pela complexidade da etnoformatividade dos atores para tratar das “experiências de sujeitos fazedores de culturaformação [...] indo além de uma metaformação” para nos mobilizarmos com o que a “*experiênciaformação* enquanto heterogênese implicada vem fazendo com o currículo” (MACEDO, 2010, p. 73).

Para Ada Beatriz G. Kroeff (2001, p. 6) ocorre uma *pedagogização* de interesse totalizador em boa parte das escolas que desdenha da heterogeneidade “seja com caráter disciplinar, seja com caráter emancipador [que] realiza um movimento de captura do que lhe é exterior para torná-lo próprio ao currículo”. Mas o fenômeno formação é tecido no gerúndio da existência, em entretecimentos (MACEDO, 2010, p.n 28) do sócio-cultural, do pedagógico e do existencial em movimento autopoietico, em devires.

A agenda da formação torna-se emergente nos cenários educativos. E escapa de

---

<sup>3</sup> A imagem do rizoma trazida por Deleuze e Guatarri (1997) desconstrói a estrutura arbórea do conhecimento definida pelos iluministas e onde está assentada a lógica disciplinar acadêmica do Ocidente. Enquanto a árvore necessita de raízes para que seu tronco se estruture e desenvolva galhos que vão se ramificar, o rizoma se configura em feixes, isto é, sem ramificações, em radículas, em pontos que emergem de qualquer parte para direcionarem-se a qualquer outro ponto. O significado de rizoma nessa perspectiva de produção de saberes e aqui, de currículo insurgente, opera para a multiplicidade e opõe-se à perspectiva positivista que tem na árvore (o tronco *essencializado*) a ramificação que conduz à especialização, e enfim, à verdade. Conceber currículo como rizoma é pensar em emaranhado, promiscuidade, mestiçagem, em produção de singularidades que recusam a identidade, a essência, os estratos, para produzir e circular saberes em transversalização, em conjunção, fazendo aparecer a heterogeneidade.

configurações essencialistas dos dutos de subjetivação da pedagogia escolar pela força de sua fluidez e viscosidade de um nomadismo compósito<sup>4</sup>. Ela se dá nas relações, no entre-meios, na cultura e para além de prescrições. No entanto, também em currículos, como dispositivos de subjetivação de determinados sujeitos para determinados discursos através das pedagogias culturais do tempo presente que nos interpelam no cotidiano de um tipo de sociedade escópica que, cada vez mais, torna-se consumista e cultuadora dos cogitos *video ergo sun e visus ergo sun* (“vejo, logo existo” e “sou visto, preciso ser visto, logo existo”).

São pedagogias operadas para além da escola que entendem como sítios pedagógicos todos os lugares onde há organização do poder e sua difusão. Dessa forma, quando artefatos culturais assujeitam indivíduos e os subjetivam para tornarem-se o que estão sendo no universo em que interagem, bem como, em suas opções e administração de seu viver pedagogias, estão em operação como efetivação de determinados discursos, através de artefatos culturais constituídos como dispositivos de educação e produção de determinados sujeitos (COSTA, 2010, p. 19 e 20). Estão implicadas com a produção de pessoas vinculadas aos temas que emergem como importantes para serem refletidos no presente, colocam em circulação discursos forjadores de certas identidades e regulam suas vidas. São inúmeros os artefatos culturais que formam sujeitos através de pedagogias culturais: livros, filmes, jornais, televisão, revistas e produtos publicitários, entre outros. As pedagogias culturais do tempo presente atuam no cotidiano, como parte de seus usos, produzindo-nos, desde os saberes e práticas dos quais nos apropriamos para assumirmos posições-de-sujeitos inscritos em determinados discursos (COMOZZATO, 2012, p. 109). Insurgências curriculares e mochilas existenciais estão sendo no acontecimento (ZOURABICHVILI, 2004, p. 06) e trazem ou remetem às contingências das pedagogias culturais do tempo presente.

O que proponho aqui são possibilidades de etnocurrículos entretecidos na multiplicidade de significados e sentidos que os atores atribuem às suas interações no cotidiano, na potência criadora do acontecimento. Temas significativos insurgentes delineiam mapas através dos desejos e lançam múltiplas linhas de fuga *acionadas/acionantes pelas/das* mochilas existenciais tramando e rasgando brechas no instituído. Insurgências curriculares e

---

<sup>4</sup> Jacqueline Mombarou-Houriet anuncia formação como um processo que se institui durante a vida em instâncias diversas. Essa formação ocorre em nossas itinerâncias, errâncias, arranhões, marcas, como aprendizagens de nosso nomadismo existencial. Elucida-nos sobre um tipo de identidade que se plasma nesse processo multirreferencial, inacabada, sem estabilidade, não fixada, reconfigurada, hibridizada, onde podemos nos tornar “estrangeiros de nós mesmos”, outros de nós, negociando com nossas próprias marcas, tornando-nos únicos em nossa originalidade (MOMBAROU-HOURIET, 2004, apud MACEDO, 2010, p. 45-46).

mochilas existenciais instituem-se como vigoroso e denso dispositivo de formação. Meu argumento é tecido na teia de sentidos dos saberes plasmados e forjados nas práticas docentes cotidianas, *na literatura menor, na educação menor, no currículo menor*, nos coletivos formativos. É uma forja cultural que tem a existência, as práticas de subjetivações, as desconstruções, territorializações, desterritorialização e reterritorializações como martelo e bigorna de onde são produzidos saberes seminais.

## **NARRATIVAS DE INSURGÊNCIAS EM MÚLTIPLOS ESPAÇOS FORMATIVOS COTIDIANOS**

Na sequência apresento narrativas de práticas docentes nas quais insurgências curriculares e mochilas existenciais operam multiplicidade em abertura hibridizada nos etnocenários formativos interpelados pelas subjetivações das pedagogias culturais do tempo presente. São insurgências provocadas tanto pelas educadoras quanto pelo alunado.

São relatos de minhas práticas e de práticas de educadoras com quem interajo cotidianamente, algumas colaboradoras de minhas pesquisas no Mestrado e, agora, no Doutorado, ilustrando essa teorização.

1. A professora narra uma insurgência promovida numa interação em sala de aula em que, ao propor uma ação sobre interpretação de textos com dispositivos planejados por ela, provocou em algumas alunas o desejo de relatarem vivência que mobilizou muito mais a sala por trazer a pulsão do cotidiano para a aula:

[...] fico, às vezes, imaginando como ainda estamos, como professores e instituição, distantes desse projeto... Isso me inspira a, cada vez mais, ampliar a minha escuta para trazer para minha aula o que respiramos nas vias e vielas de nossas vidas! [...] Gostaria de compartilhar: na sexta agora, estava dando aula no 3F sobre competência leitora e, ao falar sobre a necessidade de compreender que todo texto é interpretado por vários sentidos a partir das muitas perspectivas, convidei-os a assistir aos filmes *Ensaio Sobre a Cegueira*, *A Pele em Que Habito* e *Cisne Negro* (como exemplos das muitas perspectivas de um mesmo fato). Duas alunas trouxeram, como exemplo, um fato cotidiano que havia acabado de acontecer: uma menina fotografou e postou em seu stargran que acabava de presenciar um motoqueiro sequestrando uma criança, arrancando-a de um carro. Mais tarde, os pais da criança foram às redes sociais para esclarecer que, ao



contrário, a criança estava passando muito mal no meio de um engarrafamento e um motociclista ofereceu-se para pegar a criança e o pai e levá-los de moto ao hospital Teresa de Lisieux. Nesse momento, percebi que minha aula saía das quatro paredes da sala e que o principal texto analisado veio de nossas experiências cotidianas. Fiquei realmente mobilizada com essa verdadeira competência leitora! [...] (Ana Paula Marques. Profa. de Língua Portuguesa no Ensino Médio, em mensagem enviada por e-mail ao autor em abril, 2013).

2. A professora comenta insurgência em uma de suas turmas sobre embate de significados culturais entre o texto de um cartaz de uma baiana de acarajé e um jovem do Ensino Médio de um colégio classe média da cidade:

[...] Um aluno, ao parar numa baiana, no Imbuí, tirou foto da placa que dizia: “Acarajé cem camarão”. A grafia do “cem” estava com “c”, mesmo. A atitude dele no momento, repetindo a cena com os colegas, foi bater no ombro da baiana e brincar com ela: “Ô, baiana! Camarão como a porra!” A gente trabalha com linguagem, com todo esse universo simbólico, com tudo. Tudo pode ser utilizado para o movimento de desconstrução dos estereótipos... Eu aproveitei esse texto que ele trouxe, dentro do ponto de vista dele, que considerou “o erro da baiana”, criticando, julgando, brincando, ridicularizando o que ele considerou erro. Então, eu fui brincar, também, com ele e indaguei: mas quem é na verdade o ignorante do processo comunicativo? Usei o mesmo instrumento dele. Ele reclamou: Pô, pró! Pegou pesado! Então pronto! Através da brincadeira ele retomou [...] (Nelma Silva, Profa. de Redação no Ensino Médio e no EJA, SSA-BA, em depoimento para o autor, durante a pesquisa de Mestrado. In: TEIXEIRA NETO – ZELÃO, 2008, p.).

3. A professora relata insurgência numa interação com seus alunos sobre significados depreciativos do negro na sociedade soteropolitana trazendo uma reflexão partilhada com sua filha, dias antes:

[...] Uma das contas de energia que recebemos trouxe uma tirinha sobre a prática ilícita do ‘gato’ (sistema fraudulento de obtenção de energia elétrica que consiste em conectar-se ao fornecimento de outrem sem que seja identificado). E o interessante é que o personagem que estava no poste fazendo o gato era um garoto negro! Por que, né? Comecei a discutir com minha filha o imaginário popular. Quem estava dizendo a ele que aquilo é ilegal era um branco, ou seja, a elite, que supostamente não pratica crimes.

Como desmontar esse cenário tão bem engendrado. Nada é pior do que a discriminação racial. Discuti com ela sobre que fica, o que resta pra nós! [...] Segui dividindo com meus alunos essas questões [...] (Rosilene Paraíso, Profa de Língua Portuguesa no EJA, SSA-BA, em depoimento para o autor, durante a pesquisa de mestrado, *ibid.*)

4. A professora traz relata insurgência que a mobilizou e que ela deslocou ao alunado, de suas turmas da 2ª série do Ensino Médio, tratando da notícia da renúncia do líder Cubano, Fidel Castro, estampada em capas de revistas:

[...] Em meu trabalho como professora de História procuro levar os alunos a fazerem leituras dialógicas dos processos [...] provocos para refletirem sobre essas questões como culturais, são construtos. No contexto da renúncia de Fidel, eu fui à uma banca de jornal comprar uma revista sobre o fato e me deparei com algo que me impressionou: as capas de três revistas semanais anunciando a renúncia de formas distintas. Fidel Castro é um monumento vivo da contemporaneidade, mesmo que seja polêmico, querido e mal quisto, ele representa um momento histórico importante do século 20 [...] Quando me deparei com as capas das revistas Isto É, Época e Veja levei um baque! Principalmente pela forma desrespeitosa como algumas delas traziam a questão [...] A Veja bradava: “Já Vai Tarde! O fim melancólico do ditador que isolou cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos!” A Época estampava: “Depois de Fidel – estamos diante de uma segunda revolução cubana?” E a Isto É: “Cuba sem Fidel!” Nesse momento imediatamente pensei em trazer essa tensão para meus alunos em minhas aulas de História! Elaborei a abordagem realizando leitura das capas, discussão, produção textual para avaliação e ainda uma reescrita. Para isso tudo tive lançar mão de minha bagagem [...] de leituras minhas sobre vários outros campos [...] semiótica, antropologia cultural [...] Tive de adquirir outras revistas, inclusive que jamais compraria - mas foi com um fim pedagógico (risos)-, levei-as para sala de aula, preparei slides e toda uma demanda de trabalho emergiu mobilizando saberes que tenho comigo de diferentes fontes, provocando os alunos para essa dialogicidade [...] (Marli Sales. Profª. de História no Ensino Médio, Uma das educadoras colaboradoras de minha pesquisa no Mestrado e, agora, no Doutorado. Depoimento ao autor em agosto, 2013).

5. Refletindo sobre sua implicação e o campo de sua disciplina num projeto transdisciplinar com alunos da 2ª série do Ensino Médio, as professoras narram insurgências alteradoras do movimento planejado e das expectativas através da atribuição de novos significados ao processo:

[...] Preocupadas com o fato de Matemática não ficar como um recorte do projeto (projeto ETHOS que tinha como recorte temático a proposta da Unesco “Ano Internacional de Cooperação Pela Água”) decidimos e planejamos trabalhar com o tema analisando o conceito de água virtual, tabelas de comparação do preço do litro da água com outros líquidos, consumo entre países e gastos de água para produção de diferentes outros produtos [...] A grande descoberta, alegria e empolgação d’agente, embora houvesse muita conta e muitos cálculos percentuais, foi constatar que esses números, esse conhecimento matemático provocaram os alunos a atribuírem sentidos e significados mobilizadores acerca das questões da água em seu cotidiano, dentro do tema amplo do projeto [...] descobrimos coisas que não sabíamos através das contas [...] não tínhamos noção do disparate do consumo de água entre cidadãos do mundo, do disparate do preço desses líquidos, sobre o tanto de água que utilizamos em atividades corriqueiras como o café da manhã, por exemplo [...] Foi muito interessante constatar que essa descoberta havia sido de todos nós: professoras e meninos. Eles perceberam que apesar de estarmos fazendo cálculos matemáticos, que era uma matemática pura, o cálculo vinha mesmo como pano de fundo...bacana mesmo foi eles atribuírem significados, sentidos àquilo tudo...eles perceberem o sentido daqueles cálculos corriqueiros que são “apenas uma porcentagem” dentro do tema do projeto [...] Por exemplo, a questão do peso do cálculo proporcional [...] propusemos a comparação percentual da água com outros litros [...] eles perceberam como o cálculo percentual revela questões que passam despercebidas nesse mesmo cotidiano e traz pra eles baques em relação aos valores. Tivemos de alterar a abordagem em relação a essas coisas que apareceram [...] quando sugerimos montar a tabela, já havia a intenção para que eles colocassem o litro da água como cem por cento, justamente para que quando fizessem as comparações obtivessem 5 mil por cento...pois esse valor provoca espanto e indignação...interessante relatar que alguns fizeram o cálculo errado! Colocaram o preço do outro líquido como cem por cento e esses não ficaram tão assombrados! Veja, a conta está por trás, mas você vê como o significado produzido é diferente. Isso foi muito bacana para percebermos como dados podem ser manipulados. Ficamos refletindo sobre como a matemática tem importância numa análise de dados em projetos como esse e nas informações que são transmitidas às comunidades. Outra coisa bacana foi quando nos vimos discutindo com eles, por exemplo, sobre commodities e não apenas cálculos matemáticos [...] mas como a matemática embasou nossa discussão [...] Esses estudos provocaram não somente a consciência de cooperar pela água com o não abrir a torneira, mas coisas muito mais amplas e complexas sobre o cotidiano e atribuição de sentido às questões específicas de matemática. (Isabel Cezimbra e Adriana Bianca. Professoras de Matemática no Ensino Médio. Depoimento ao autor em agosto, 2013).

6. Narro aqui insurgência vivenciada em minha prática docente provocada pelas interpelações da pedagogia cultural do tempo presente através do relato de uma aluna sobre um *outdoor*, numa avenida de grande circulação da cidade, operando afirmação de identidades e marcação das diferenças:

Num desses primeiros horários das manhãs escolares urbanas, trabalhando nas aulas de História e de Atualidades, provocava o alunado para interagir em embates e negociações de significados dos artefatos midiáticos na urbe soteropolitana, quando uma aluna, implicada com esse movimento, adentra a sala e sinaliza sua inquietação com um *outdoor* “que a deixou bolada” desde a tarde anterior:

“[...] Pró, pirei com uma propaganda que vi ontem e lembrei dessas coisas que estamos discutindo sobre desvelamentos e cultura [...] é a de uma churrascaria que tira onda de elite pra ficar bem na foto [...] você já viu esse *outdoor*, Pró? Achei agressiva a forma como diminuem o que não está no modelo deles! Aprendi em casa que pra você se dar bem, pra você subir, você não precisa fazer o outro descer, nem pisar nele pra aparecer! Esse *outdoor* ensina muito, só que tudo ao contrário!” (ver imagem 1 em anexos)

Outros alunos entraram no tensionamento que estava sendo proposto, afirmando que

“[...] no sistema que nos domina é assim mesmo, você tem de mostrar que é diferente, que não é igual a maioria, principalmente, que é diferente da massa, do povão!”

“[...] essas propagandas não me afetam, eu percebo quando eles querem que eu faça do jeito que eles dizem que tem de ser! Pra mim isso só afeta quem tem cabeça fraca ou quer tirar onda de barão pro’soutros verem e ser respeitado, mas, na verdade, adoram o rodizião, mesmo, e vai escondido lá!”

“[...] essas mensagens nos ensinam sem que a gente perceba, a gente aprende a ser cordeirinho ou lobão no dia-a-dia!”

Discuti com o alunado afirmando que a identidade construída desse novo restaurante da cidade (na época, 2005), de partida, é representada nesse artefato como uma carne-social que não se mistura, não está disponível para “todos” (como se todos pudessem ser consumidores de carne) num restaurante onde as carnes

circulam o tempo todo “para todos”, onde “todos” podem consumir todos os tipos de carne. Ela é uma carne para poucos, requintados, uma elite nobiliárquica. E para que essa identidade fidalga se firme positivamente, marca a diferença afirmando aquilo que ela não é, uma carne-que-frequenta-rodízio, negativizada, instituindo significados que podem se tornar hegemônicos de “Carne-Boa”, “Restaurante-Bem-Frequentado” e de “Carne-Ruim”, “Restaurante-Mal-Frequentado”. A carne frequentadora de rodízios é representada como o Outro-Ameaça (TEIXEIRA NETO-ZELÃO, 2013).

## REFERÊNCIAS

AMORIM, A. C. Deleuze e currículo no intervalo de palavras e imagens. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; GABRIEL, Carmem Teresa; AMORIM, Antonio Carlos (orgs.). Teóricos e o campo do currículo. E-book: GT Currículo, FE/UNICAMP. Campinas, 2012. [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=52156](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=52156) Acesso em dez/2013.

RIEUX, Bernardo. Pesquisa de livros de Gilles Deleuze – transcrição das entrevistas de Deleuze à Claire Parnet, postado no site oestrangeiro.net., 2005. <[http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=67&Itemid=51](http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=67&Itemid=51)>. Acessado em maio/2013.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Da pedagogia às pedagogias - formas, ênfases, transformações. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. Revista digital do LAV, Artigos & Resenhas, ano v, número 08, março de 2012. <[http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/revislav/search/authors/view?first\\_name=Sandra&middle\\_name=Mara&last\\_name=Corazza&affiliation=&country=](http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/revislav/search/authors/view?first_name=Sandra&middle_name=Mara&last_name=Corazza&affiliation=&country=)> Acessado em fev 2013.

COSTA, Marisa Vorraber (org.) A educação na cultura da mídia e do consumo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia, v.4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GALO, S. Em torno de uma educação menor. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.27, n.2, p.169-178, 2002.

GAUTHIER, Clermont. Esquizoanálise do Currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 143-155, jul./dez. 2002.

MONBARON-HOURIET, Jacqueline. Les formateurs d'adultes: une unité composite. Teaculté de Psychologie ET Sciences de l'éducation, Université de Genève, 2004.

KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. Currículo como máquina desejante. Porto Alegre, 2001. <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/T1219084572503.doc>> Acessado em jun/2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. Compreender/mediar a formação: o fundante da educação. Brasília: Liberlivro, 2010.

\_\_\_\_\_, Roberto Sidnei. Atos de currículo e formação: o príncipe provocado. Revista Teias v. 13 • n. 27 • 67-74 • jan. abr. 2012 – Currículos: Problemática em práticas e políticas, p 67 – 74. <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1088/824>> Acessado em jun/2013.

\_\_\_\_\_. A propósito da devoração de pensar multirreferencial de Jacques Ardoino e da epistemologia do falar juntos de Henri Atlan: experiências “canibais” e atividade curricular-formaiva no FORMACCE. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; GABRIEL, Carmem Teresa; AMORIM, Antonio Carlos (orgs.). Teóricos e o campo do currículo. E-book: GT Currículo, FE UNICAMP. Campinas, 2012. [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down\\_52156](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down_52156) Acesso em dez/2013 .

\_\_\_\_\_. Etnopesquisa implicada, currículo e formação. ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.5, n.1, pp.176-183, Junho a Dezembro de 2012. <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/download/14054/7988>> Acessado em jul/2013.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O efeito cinema na educação. In: SARAIVA, Karla e MARCELLO, Fabiana de Amorim (orgs.) Estudos culturais e educação: desafios atuais. Canoas, Editora da Ulbra, 2012.

MATIAS, Virgínia Coeli Bueno De Queiroz. A transversalidade e a construção de novas subjetividades pelo currículo escolar. Currículo sem Fronteiras, v.8, n.1, pp.62-75, Jan/Jun 2008. <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/matias.pdf>> Acessado em jan/2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves . Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 67-82, 2005.

\_\_\_\_\_. Diferença no currículo. Cadernos de pesquisa. V 40, maio/ago 2010. <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1440140.pdf>> Acessado em maio/2013.

ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: 2004 Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Ifch-unicamp. <<http://claudioulpiano.org.br/s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acessado em jan/2014.

TEIXEIRA NETO - Zelão, J. A emergência das questões da cultura e os atos de currículo: possibilidades de transculturalismo crítico. 2008. 196f. Dissertação de Mestrado em Educação - PPGE/FACED UFBA, Salvador, 2008

\_\_\_\_\_. Insurgências curriculares tensionando os significados da produção da diferença nas pedagogias culturais do tempo presente. Anais do 5º SBECE/2º SIECE – nas contingências do espaço tempo. CD-ROM. Canoas: ULBRA, 2013.

ANEXOS

Imagem 1. Foto de outdoor na Avenida Garibaldi, SSA-BA, captada pelo autor, 2005

